

Mariposas, ontologias alienígenas e seus quefazeres terrestres¹Rafael Antunes Almeida²

Resumo: Até pouco tempo, a literatura antropológica relativa ao tema da ufologia, assim como dos coletivos ufológicos, esteve quase que integralmente dominada por trabalhos que se valem do binômio crença e representação. O comprometimento com estes dispositivos conduziu estas pesquisas ou à tentativas de interpretar a disciplina segundo o registro de uma “ciência” agonizante, ou segundo uma “mecânica” que repousaria subjacente às práticas dos ufólogos – atenta, portanto, ao que elas dissimulam. Mais recentemente, Pierre Lagrange, inspirado nos trabalhos de Bruno Latour, abriu uma possibilidade mais arejada para a “antropologia da ufologia” ao endereçar a seguinte questão: “o que se passa em um *affair* ufológico?”. Neste artigo, produto de minha etnografia junto aos ufólogos brasileiros, retomo a pista inaugurada pelo pesquisador francês e me debruço sobre os meandros de uma contenda no bojo deste coletivo. A disputa concerne à questão de saber se um registro de imagem em uma câmera de segurança no interior do Rio de Janeiro consistia na gravação do pouso de uma nave extraterrestre ou se tratava da imagem de uma mariposa. O debate em torno deste evento articula discussões sobre os processos levados à cabo para a identificação de imagens pelos ufólogos, suas definições pragmáticas daquilo que conta como uma evidência e, sobretudo, seus modos de operação em campo. Além de figurar como uma contribuição à antropologia das “ditas” paraciências, o presente texto também consiste em um esforço no sentido de pensar como os UFOs, em sua *parcial visibilidade*, engendram as socialidades ufológicas.

Palavras-chave: Ontologias Alienígenas; Controvérsias; Parcial visibilidade; Socialidades ufológicas

A lógica das substituições³ ou, como ignorar o espelho e aprender a viver com os extraterrestres

“[a]s coisas assim a gente mesmo não pega nem abarca. Cabem no brilho da noite. Aragem do sagrado. Absolutas estrelas. (Guimarães Rosa)

Em *O Livro dos Seres Imaginários* (Borges, 2011), esta espécie de almanaque feito em formato de uma lista dos seres bestiais do mundo, Jorge Luís Borges dedica um verbete, ou

¹ Este trabalho beneficiou-se do apoio do CNPQ e, posteriormente, da CAPES, agências que financiaram esta pesquisa entre 2011 e 2015. Aproveito a ocasião para agradecer os interlocutores que, a partir de nosso diálogo, colaboraram com a pesquisa: Alberto Francisco do Carmo, Ademar Gevaerd, Paulo Aníbal, Fábio Gomes, Toni Inajar, Ernesto Bono e Mônica Medeiros. Sem eles este texto não existiria. De igual modo, agradeço aos professores Guilherme Sá e Debbora Battaglia pelo valioso apoio no curso da pesquisa.

² Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Universidade de Brasília

³ A ideia de uma “lógica das substituições”, noção que pretende dar nome às operações de redução operadas por noções como as “crença” e “representação”, obviamente está assentada às elaborações dispensadas por Eduardo Viveiros de Castro e Bruno Latour a estes conceitos.

ainda, uma entrada⁴, ao monstro *Baldanders*. *Baldanders* é um polimorfo, portanto, a sua forma não pode ser fixada de antemão, porque a sua substância jaz na capacidade de transforma-se. Ainda assim *Baldanders*, cuja referência o escritor argentino diz ter coletado no livro de Grimmelshausen, se apresenta a *Simplicius Simplicissimus* na forma de uma estátua que o protagonista soube encontrar no meio da floresta. Diferentemente da estátua que Sófocles faz encontrar com Édipo – em relação a qual, na forma como concebe a tela *Oedipus et Sphinx*⁵, o parricida aparece curvado diante do enigma –, o monstro *Baldanders* não demanda a resolução de charadas. Talvez porque já o seja – sendo estátua e polimorfo-, talvez porque lhe figurasse que, melhor era não apresentar um enigma mas, de modo diferente, apresentar-se enquanto tal. Segundo Borges,

[...] a estátua lhe diz que é *Baldanders* e assume formas de um homem, de um carvalho, de uma porca, de um salsichão, de um prado coberto de trevos, de esterco, de uma flor, de um ramo florido, de uma amoreira, de um tapete de seda, de muitas outras coisas e seres e depois, novamente, de um homem. Finge instruir *Simplicissimus* na arte de “falar com as coisas que por sua natureza são mudas, como as cadeiras e os bancos, as panelas e os jarros (Borges,2011:39)

O monstro polimorfo *Baldanders* encerra em si um tropo. Trata-se de um ser multiforme, capaz de se “virar” em diferentes formas, mas ao fim da demonstração, volta à figuração original. Assim, *Baldanders* é mais uma vez o monstro que tudo pode ser, mas “outra vez” homem. O verbete não deixa de evocar que Borges talvez estivesse interessado na dialética do outro e do “mesmo”, da qual se diz que, entre os modernos, é um lugar habitual sempre que a imagem do monstro é sugerida. Diz-se que está matizada no artifício do excessivo, que habita as discussões sobre a vida dos extraterrestres – excessivamente tecnológicos, excessivamente bons ou maus (recorde-se aqui que os pesquisadores destes temas tem anotado uma vasta variabilidade empírica nas raças dos ufonautas) –, na anotação das faltas, ou em um misto de qualidades surpreendentes: todas elas próprias a esta curiosa anatomia das Quimeras, em cima da qual os primeiros historiadores das Índias Ocidentais fizeram fama (e guerra).

Se Édipo se curva diante da esfinge – ou bem para ouvir o seu enigma, ou para triunfar sobre a estátua –, peço licença para sugerir que, diante do monstro *Baldanders*, que é aquele quem volta uma vez mais à forma humana, a maioria das pesquisas sobre o tema da

⁴ As entradas no texto de Borges, componentes das listas que Foucault elogia em “As palavras e as coisas” (Foucault,2000), tem feição parecida com aquelas que Deleuze reconhece nos textos de Kafka. Segundo o autor: “ O princípio das entradas múltiplas impede somente a introdução do inimigo, o Significante, e as tentativas para interpretar uma obra que na verdade se propõe apenas à experimentação”. (Deleuze;Guattari,1977:7)

⁵ Tela de Jean-Auguste-Dominique.

vida extraterrestre nas Ciências Sociais parecem prestar-lhe um tipo de hiperdulia. Se o fazem, é porque a sua liturgia prevê um tipo de aguda veneração à duas noções que, combinadas, transformam a multiplicidade de criaturas que habitam o além-Terra, em outra vez imagem especular humana. Ao articularem as noções de crença e representação, os extraterrestres transformam-se em suas mãos em construções sociais, em formas de imaginar uma mitologia tecno-científica – bem aclimada ao alegado secularismo – e, sobretudo, em formas de figurar um alteridade não só planetária – uma vez que os *aliens* figurariam como os outros primordiais para os humanos como espécie – como extra-planetária.

Depois que Bruno Latour, no ensaio *Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches* (Latour, 2002) descreveu as operações daqueles que, como quem rende uma homenagem, menciono atribuindo-lhes um tipo liturgia, talvez não fosse mais necessário descrever a que princípios obedecem quando passam a seguir e, ao mesmo tempo, a ignorar *Baldanders*. Ou ainda, talvez não precisasse preencher estas páginas com comentários relativos à forma segundo a qual estes pesquisadores procedem com um *lógica da substituição* – na qual os conjuntos de seres que também fazem parte destas ontologias são substituídos por uma economia conceitual que pretende trazê-los à Terra, deles não fazendo outra coisa além de *expressões*. Tivessem estado atentos aos comentários de Élizabete Claverie, que cito em seguida, ou ao observação de Favret-Saada, segundo quem, “the anthropology of “belief is essentially an exercise in science-fiction” (Favret-Saada,2012:47), talvez teríamos sido poupados de escrever estas páginas.

Comment délivrer notre objet de ses saisies traditionnelles, celles de l'ethnologie (les croyances, les représentations), celles de la psychanalyse et de la psychiatrie (l'hystérie, l'hallucination), celles de la sociologie (sécularisation contre émotion, tradition contre modernité), celles de l'Église (théologie négative contre religion populaire) ? Comment donner à « tout cela » une visibilité, un statut, une présence ? (Claverie, 1990 :S/P)

É nesta espécie de resumo das atitudes em relação aos aparições da virgem, que me apoio para apresentar-lhes a *lógica das substituições*. Ao invés de estarem atentos àquilo que as aparições no céu são capazes de conformar, Claverie anota que sobrevivem interpretações que a tomam como “crenças, representações, histeria e alucinação”. A *lógica das substituições* vigora no mesmo regime do que Latour, naquele que talvez seja o mais importante, mas menos lido dos seus trabalhos, chama de *redução*. De certa feita, quero fazer em relação ao que doravante chamo de “fenômeno UFO”, a mesma pergunta que ele se faz no livro *Irreductions* (Latour,2003): “ What happens when we give up this burden, this passion, this flame, this dazzling aim, this excess, this insane desire to reduce everything” (Latour,1993:157)

Antes, porém, permitam-me apresentar de forma mais detida um dos exemplares melhor acabados daqueles que, curvando-se a Baldanders transformam as suas formas em, outra vez, imagem humana. Ignoram, porém, que Borges decide traduzir a palavra que dá nome ao monstro “por *Já diferente ou Já Outro*”⁶(Borges,2011:39) e que Baldanders entende melhor que seus seguidores a linguagem das coisas, pois sabe que, como ele, elas não são mudas. É por isto, e só por isto, que ao instruí-los só pode fingir fazê-lo, porque antevê que, ao final da lição, outra coisa não perguntarão: *Mas não é você, aquele que se muda em muitas formas, na origem um espelho do homem?*

Não é em outro texto diferente de *The wild man and the extraterrestrial* (Renard,1984) que encontro a imagem mais perfeitamente acabada da *lógica das substituições*. Jean-Bruno Renard está diante de uma infinidade de relatos relativos a seres que habitam os confins do espaço. De igual modo, tem a sua disposição as suas figurações físicas, que pelas descrições que provê ao leitor, denota grande erudição. O que fazer com estes monstros? – talvez Renard tenha se perguntado. O caminho que escolhe é não lhes prestar qualquer confiança. Os monstros extraterrestres, supõe Renard, demandam uma *leitura*: é preciso fazer deles outra coisa, a expressão de algo mais conhecido. A solução que encontra é torná-los os elementos de um contínuo: para Renard, os extraterrestres – enquanto imagem, ou ainda, elementos de um imaginário – podem nos ensinar algo sobre como os ocidentais pensam a evolução. Em última análise, restariam no polo oposto da imagem do bárbaro, do selvagem⁷. Opõem-se aos últimos de muitas maneiras, a começar pela constituição física, pelas diferenças na caixa craniana, homólogas às diferenças entre a clava e o raio laser. Segundo ele: “[t]hey are the two limiting figures to Western man: the wild man representing the inferior limit and the extraterrestrial representing the superior limit”. (Renard,1984:74) O *homo sapiens sapiens* restaria entre eles, a meio caminho dos monstros. Monstros que, Renard concordaria, os euro-americanos inventam para pensar a si mesmos. Destituídos de tudo o que lhes é próprio, feitos agora em reflexos especulares, ou o *redondo* – como quis Jung na obra que dedicou ao tema dos discos voadores (Jung,1998) – os extraterrestres passam a figurar como representações invertidas, algo que vemos de modo muito explícito no trato que Michel de Certeau confere ao extraordinário. Os entes que ele toma por imaginários são as armas dos fracos, o último meio que teriam para inspirar terror

⁶ Grifos Meus.

⁷ Muito embora, desde a primeira monografia da Apologia de Bartolomé de Las Casas, aprendemos que os termos não são equivalentes.

em seus senhores⁸, ao mesmo tempo em que figurariam como “escapes”, ou modos de imaginar uma outra vida:

Uma formalidade das práticas cotidianas vem à tona nestas histórias, que invertem frequentemente as relações de força e, como histórias de milagres, garantem ao oprimido uma vitória em um espaço maravilhoso, utópico. Este espaço protege as armas do fraco contra a realidade de uma ordem estabelecida. (Certeau,1994:85)

Michel de Certeau, como Renard, presta culto a Baldanders, mas não lhe entende completamente. Para o primeiro os milagres e as experiências extraordinárias, eventualmente narradas no cotidiano, não são outra coisa além de representações da ordem da vida. Tratá-las desta forma é retirar todo o seu conteúdo e substância e, além do mais, referendar um discurso com pretensões de hegemonia, que percebe nos outros – os ditos crentes – e nas suas afirmativas, a denúncia de que há algo por trás daquilo que é “metaforizado” no fantástico.

Feito este breve desvio pelo tema da *lógica das substituições*, cumpre se perguntar se resta outro modo de lidar com o tema, sem nele ver, operando de fundo, uma máquina de projeções. Estimo que uma das respostas para esta pergunta possa ser encontrada em outros desvios. O primeiro deles consistiria no trabalho de Pierre Lagrange intitulado “*Ênquetes sur les soucoupes volantes: la construction d’un fait aux Etats-Unis (1947) et en France (1951-54)*” (Lagrange,1990), no qual o autor contorna a questão dos extraterrestres como um elemento da ordem do discurso para, em outro diapasão, pensar de que modo a realidade dos discos voadores é construída. Trata-se, nos seus termos, de se perguntar por aquilo que ocorre em um caso ufológico, seguindo os seus mínimos detalhes, de tal modo a discutir como se dá o movimento de vesti-los ou despi-los de um frágil “envoltório ontológico” (Latour,2002). Confesso que, durante um período, me refugiei no caminho que Lagrange inaugura e também me ocupei da descrição dos referidos casos. Ocorre que, recentemente, passei a tomá-los de outro modo, isto é, tentei me deslocar da pergunta concernente à questão de “como se constrói os discos voadores” para outra, aberta no curso da etnografia entre ufólogos brasileiros, referente ao modo como as *ontologias alienígenas constituem as sociabilidades ufológicas*.

Ontologias alienígenas e a sua parcial visibilidade

Nos livros herméticos está escrito que o que existe embaixo é igual ao que existe em cima, e o que existe em cima, igual ao que existe embaixo. O Aleph, Jorge Luís Borges

⁸ Recorde-se aqui o retrato que João Ubaldo Ribeiro, em Viva o Povo Brasileiro, faz deste ponto. Refiro-me ao trecho em que anota que o feitor Américo, em toda a sua crueldade, temia as ditas mandingas.

A noção de *ontologias alienígenas* baseia-se no que recentemente vem sendo chamado de “virada ontológica”⁹ na antropologia. Em relação a esta expressão é digno de nota que, embora o autor de *Not Quite Shamans* (Pedersen,2012) estime que a última não mereça a alcunha de um movimento – do mesmo modo como o fazem os atores ao redor do “Realismo Especulativo” – , de alguma maneira dispomos dos meios de anotar algumas de suas tendências, ou ainda, na falta de melhor termo, do sentido dos seus cursos atuais.

Em primeiro lugar cumpre observar que a noção de ontologias não quer ser equivalente da noção de cultura, como se depreende do debate organizado nas páginas da revista *Critique of Anthropology*¹⁰. Em certo sentido, se a obra de Bruno Latour¹¹ pode ser considerada uma das matrizes que dispara esta discussão, foi também ele quem nos advertiu para o fato de que o conceito de *simetria generalizada* implica em contornar a noção de cultura.^{12 13}

Um dos efeitos da recusa em equacionar ontologias e culturas – e, ao mesmo tempo, a sua causa – consiste no fato de que os não-humanos deixam de levar uma existência muda (uma subproduto da crítica da noção de natureza¹⁴ (Descola,2005;Viveiros de Castro,1996) e,

⁹ O termo “virada ontológica” não me agrada e o uso por convenção. A ideia de um “detour” parece sugerir que se possa localizar a origem do “movimento”. Ademais, a expressão vem sendo usada mais correntemente pelos seus críticos do que, propriamente, pelos seus entusiastas. Neste esboço de apresentação limito-me a três ou quatro contribuições e ignoro completamente as divergências internas, como são, por exemplo, a crítica e Holbraad à noção de agência aportada por Alfred Gell, ou ainda, a discussão relativa à tentativa de reabilitação da noção de representação por Eduardo Kohn. Anote-se aqui que outras zonas de tensão ocorrem em função do uso do termo ontologias. Para um exemplo deste ponto ver o artigo *The wrong bin bag: a turn to ontology in science and technology studies* (Woolgar;Lezaum,2013), publicado em volume especial da revista *Social Studies of Science*.

¹⁰ Ver. *Ontology is just another world for culture: motion table at the 2008 Meeting Group for Debates in Anthropological Theory*, University of Manchester. (Michel Carrithers et al, 2008)

¹¹ Não se trata aqui de recapitular as origens do curso desta discussão, mas o próprio Latour estima que é possível rastrear nos trabalhos de Gabriel Tarde os elementos da virada ontológica. Refiro-me, em particular, à noção de mirateísmo. Uma ótima referência sobre este tema é: “Gabriel Tarde e a diferença infinitesimal”.(Vargas, 2007) Alternativamente ver “The social after Gabriel Tarde: debates and assessments” (Candea,2010)

¹² “A solução surge no mesmo momento em que o artefato das culturas se dissolve. Todas as naturezas-culturas são similares por construírem ao mesmo tempo os seres humanos, divinos e não-humanos. Nenhuma nelas vive em um mundo de signos ou de símbolos arbitrariamente impostos a uma natureza exterior que apenas nós conhecemos. (Latour,1994:104)

¹³ Para uma discussão relativa às consequências da “virada ontológica” sobre o problema da comparação, ver o volume 17, número 1, do periódico *Common Knowledge*. A edição leva o título de “Comparative Relativism: Symposium on a Impossibility.”

¹⁴ A expressão “crítica da noção de natureza” é, obviamente, grosseira. Uso-a na falta de melhor termo para qualificar os aportes de duas obras que, se “convergem” no objeto, divergem em suas implicações.

por conseguinte, passam a desmerecer o nome de *objetos*.¹⁵ O mesmo ocorre com os *conceitos* que, na formulação dos autores de *Thinking Through Things* (Henare;Holbraad;Wastell,2007), tornam-se equivalentes às coisas.

Se as coisas não são mais objetos, uma das consequências mais pronunciadas da “virada ontológica” consiste em uma alteração do modo como as descrevemos. Para qualificar a passagem da questão da representação à sua ação – uma vez que, nesta economia conceitual, as coisas não são objeto de representações mas, antes, agem, conectam-se e produzem – Latour (1994) afirma deslocar o problema da epistemologia para aquele das ontologia(s).

Mais recentemente um outro componente, embora já fosse pronunciado nos textos que ora citei, passou a tomar parte do que permanece abrigado sob a expressão. Refiro-me ao artigo *Politics of ontology: Anthropological Positions* (Holbraad;Pedersen;Viveiros de Castro,2014), no qual os autores extraem – ou, de outro modo, deixam mais explícitas – algumas das consequências políticas da virada ontológica. O moto do trabalho gravita em torno da fórmula, utilizada por Eduardo Viveiros de Castro em artigos anteriores, segundo a qual “Anthropology is the science of the ontological self-determination of the world’s peoples” (Viveiros de Castro, 2009 apud Holbraad, Pedersen, Viveiros de Castro,2014) Tratava-se então de levar esta sentença às últimas consequências, isto é, não só definir que o termo “pessoas” também incluía as coisas – como explicou um dos autores durante a apresentação –, como de sugerir que a diferença, em si, configurava um ato político e, como consequência, abria a possibilidade de um tipo de *alter-politics* (Hage,2012)

Como observei, a noção de ontologias alienígenas se constrói em relação a estes aportes. Eles me permitem definí-la como um “*assemblage*” (Latour,2005) de extraterrestres e humanos, colocado em movimento pela *parcial visibilidade* dos UFOs. Desta feita, se no tópico anterior pontuei que os últimos ensejam as sociabilidades ufológicas, o fiz porque percebo na relação entre os ufólogos e os objetos extraterrestres um jogo de dupla constituição.

Em última análise essa dupla constituição guarda estreito parentesco com o modo segundo o qual Peter Sloterdijk descreve a formação das *bolhas* no livro *Bubbles: Microspherology*. Segundo ele, “[t]he one breathed on is by necessity an ontological twin of

¹⁵ Tim Ingold, por um caminho alternativo, também nos conduz a uma à ideia de representação simbólica. Nos termos de Martin Holbraad “One might say that Ingold’s tactic for emancipating the thing involves a kind of inverse humanism (for this is not materialism as we know it), in which, rather than raising things to the power of human, humans and things alike are factorised down to their primordial material denominator: Life in Earth” (Holbraad, 2011:10)

the breather” (Sloterdijk,2011:44)

Ademais, depende fortemente de um argumento aportado por Debhora Battaglia, a quem reputo a melhor e mais precisa descrição das ontologias alienígenas. Ao discutir a visita a uma exposição em um museu organizado pelos Raelianos¹⁶, Battaglia observou que estes se tornavam visíveis a partir da relação com objetos que permaneciam “partially hidden”¹⁷ (Battaglia,2005:163). Acompanho-o neste ponto, de tal modo que o argumento que doravante passa a organizar este texto, sustenta-se na ideia de que os processos de conformação constantes na ufologia se devem à *parcial visibilidade* dos UFOs. Refiro-me à *parcial visibilidade*, entretanto, para destacar o deslocamento dos Raelianos para os ufólogos. No caso dos primeiros, anota a autora, “the crop circle exhibit of UFOland makes visible claims to an invisible truth that is “out there”, always partially hidden (Bull,1999)” (Battaglia,2005:163). Já no que concerne aos ufólogos, o problema não parece gravitar apenas em torno da verdade revelada – ou ainda, parcialmente revelada – mas, sobretudo, em torno da impossibilidade de ver completamente.

Dito de outro modo, estimo que os objetos extraterrestres são capazes conformar as socialidades ufológicas porque, segundo os ufólogos, os Óvnis mantêm um caráter furtivo: seja em função do fato de que não se deixam registrar completamente nas fotos, seja porque os seus modos de operação anulam qualquer exercício de definir, cabalmente, aquilo que são.

Nos termos de um relatório produzido por ocasião da aparição de Óvnis logo acima do presídio da Papuda-Distrito Federal, os UFOs só admitem ter com eles *relações de proximidade*. Isto é, na medida em que só autorizam registros precários e relatórios que apontam para o não-identificado, remanescem enquanto *máquinas geradoras de segredo*. O último, por seu turno, não resta enquanto um enigma localizado que, portanto, porte ser aberto com uma chave. Uma das *linhas de propagação* destas socialidades com as quais este trabalho se conecta ao modo de um agenciamento¹⁸, é que o segredo é “secretado” (Jones,2014) a todo momento. Nos termos de Susan Harding e Catherine Steward:

¹⁶ Os Raelianos são um coletivo que se faz em relação aos extraterrestres com presença em vários países. Susan Palmer (Palmer,2004) define-os como um Novo Movimento Religioso. Já Debhora Battaglia fala em termos de “science-based religion”. (Battaglia,2005)

¹⁷ Debhora Battaglia aponta que o termo “partially hidden” aparece no livro de Malcom Bull, intitulado Seeing things hidden: apocalypse,vision and totality. (Bull,1999)

¹⁸ Emprego o termo agenciamento acompanhando o primeiro momento no qual este é articulado por Deleuze e Guattari no livro Mil Platôs. “Um livro tampouco tem objeto. Considerado como agenciamento, ele está somente em conexão com outros agenciamentos, em relação com outros corpos sem órgãos. Não se perguntará nunca o que o livro quer dizer, significado ou significante, não se buscará nada compreender um livro, perguntar-se-á como ele funciona, em conexão com o que ele faz ou não passar intensidades, em que multiplicidades ele se introduz e metamorfoseia a sua, com que corpos sem órgãos ele faz convergir o seu. Um livro existe apenas pelo fora e no fora.”

Nothing is ever finished. Everything is always starting over, caught in a circle of endless repetition because each recantation incants the recanted, each autonomous act is the effect of subordination, each step outside is also a step inside.(Harding;Stewart, 2003:264)

No quadro que venho tentando apresentar ao leitor, portanto, se a impossibilidade de ver completamente os UFOs define o modo como os objetos ufológicos agem, o segredo figura como aquilo que faz com a ufologia circule: isto é, ele ativa as suas *linhas de propagação*. Estas podem ser definidas como aqueles movimentos que, a um só tempo criam estes coletivos, como estendem-nos no espaço e no tempo.

Este modo de operação dos UFOs, que ao mesmo tempo em que enseja a circulação, circula – sob a forma de segredo – permite-me traçar uma homologia com os quase-objetos de Michel Serres. Esta noção, importantíssima nos primeiros anos da ANT, de alguma forma nos ajuda a pensar como objetos, ou ainda, quase-objetos instauram coletivos:

This quasi-object is not an object, but it is one, nevertheless, since it's not a subject, since it's in the world; it's also a quasi-subject, since it marks or designates a subject who, without it, would not be a subject. [...] Who are we? Those who pass the furet; Those who don't have it. This quasi-object, when being passed, makes the collective, if it stops, it makes the individual. If he is discovered, he is "it [mort]. Who is the subject, who is an "I", or who am "I". The moving furet moves the "we", the collective; if it stops, it marks the I. (Serres,1982:225)

De modo correlato, ela nos blinda da tentação de tomar um coletivo por um grupo, de fazer dele algo em relação ao qual coisas e objetos se relacionam por meio de uma partilha. Nos termos de Michel Serres: "The speed of passing accelerates him and causes him to exist. Participation is just that and has nothing to do with sharing, at least when it is thought of as a division of parts" (Serres,1982:228)

O argumento que aqui vos apresento, de alguma forma faz coro com a observação de Roy Wagner, segundo quem o problema encerrado nos UFOs parece ser aquele de saber "Quem está desinformando¹⁹ quem"? (Wagner,2000). Estimo que se por um lado tal movimento aponta para uma indecibilidade sobre o "fenômeno UFO", por outro ele sinaliza para o que Eduardo Kohn(2013) chamou de "constitutive absence". Isto é, para a questão de saber como a "ausência" de uma visão completa é também constitutiva.

De modo similar aos "insular objects" de Pedersen – "ontologically discrete or encapsulated entities that have accidentally fallen out of the shamanic order"(Pedersen,2013:101), às peças de lixo espacial que Debora Battaglia soube muito bem

¹⁹ Segundo o autor a noção de desinformação não deve ser entendida como "ausência de informação" ou ainda, como uma precariedade de entendimento. A mais próxima tradução da palavra "disinformation" para o português é "contra-informação".

apelidar de artefatos de “exo-surprise” (Battaglia,2013) ou às armadilhas de Corsín-Jimenez (2012), os UFOs são estes objetos que, em sua parcial visibilidade, “contain their own contexts”(Holbraad,2011).²⁰

A última observação de Martin Holbraad me parece especialmente valiosa. Ao discorrer sobre a trajetória do livro *Thinking Through Things*, o autor aponta que uma das possibilidades de emancipação das coisas consiste em pensá-las como “a locus of ontological self-determination” (Holbraad,2011:16). Este comentário, de algum modo, encontra ressonâncias na noção de *onto-dispositivos* (Battaglia;Almeida,2014), muito embora, como se desprende da passagem abaixo, com esta noção retiramos a possibilidade de coisas operarem como artefatos que produzem análises para, em outro diapasão, pensá-las como geradoras de “arrangments for relating” (Battaglia;Almeida,2014):

The concept allies with Law and Evelyn’s(2013) notion of devices that create their own heterogeneous arrangements for relating, with the difference that it is asensibility-engendering rather than an analytic device.(Battaglia;Almeida,2014)

Os UFOs são, como venho observando, estes objetos cuja visão cotidiana é improvável, que só dão mostras em momentos extraordinários, que pertencem à classe das coisas com as quais dificilmente pode-se marcar encontros e que se negam a ser conjurados. Entretanto, mesmo que não se possa vê-los senão precariamente, admitem certa proximidade, permitem que os ufólogos anotem as suas trajetórias, eventualmente descubram os implantes nos seus abduzidos ou tentem, a duras penas, reconhecer ensinamentos de sua ciência alienígena nas mensagens que deixam nas plantações.

Talvez Ernerto Bono, a quem já ouvi referirem-se como um filósofo da ufologia, estivesse certo quando me disse em seu apartamento em Porto Alegre, enquanto preparava um café e brincava com a sua calopsita, que os UFOs “não são produto desta lógica. São produto desta mágica”. (Entrevista – Ernesto Bono). Qualificou a expressão em seguida anotando que eram produto da magia porque, além de disporem de muitas formas, apareciam e desapareciam, estavam e não estavam, eram e não eram. Em definitivo, não se podia capturá-los, fazer-lhes autópsias – recorde-se que o vídeo de Ray Santilli²¹ ainda está em disputa – e distinguir com clareza os ufonautas.

O caso dos encontros imediatos de quinto grau, isto é, das abduções, se enseja a maior das proximidades, também está tomado de penumbra. Nos milhares de relatos coletados pelos

²⁰ Não fosse pela indicação de Levindo Pereira não teria tido acesso a este texto. Devo-lhe, portanto, gratidão por esta e por muitas outras significativas contribuições.

²¹ Ray Santilli foi o responsável pela divulgação de imagens capturadas em vídeo da autópsia de seres extraterrestres.

ufólogos, transbordam mensagens encriptadas, conversas que se interrompem de repente, ou, em outras ocasiões, a mudez dos abdutores. Decerto que há aquelas ocasiões em que os *aliens* prestam-se à figura de tutores: explicam os motivos da extração de óvulos humanos, palestram sobre a mecânica das naves ou, nas canalizações extraterrestres nas quais a Dr. Mônica Medeiros tornou-se especialista, realizam curas. Mas quando a eles se pergunta da onde vem, respondem com outras perguntas, dizem vir das Plêiades, sem precisar, entretanto, outros dados sobre lá. Ademais, segundo confessou-me Alberto Francisco do Carmo, há aquelas raças extraterrestres que, em muitos encontros, tecem histórias para os contatados. Mas pode descobrir-se que são só estórias. Com tempo percebe-se que, no fundo, agem como agentes de desinformação, isto é, apresentam um misto de informações que visa antes confundir do que esclarecer, pois parecem preocupados em formar uma “cortina de fumaça sobre si mesmos”²².

Em outra ocasião, argumentei que fazendo assim “the extraterrestrials would be responsible for their own cover-up: by spreading false data on their origin, way of living and technology to humans; and, as a consequence by causing skeptics to accuse abductees of [being] believers” (Almeida, 2014:8)

Em uma palavra, o modo de ação dos UFOs é a produção de rastros. Um *alien* é aquele que deixa rastros, é aquele que vive nos rastros. Um alien é um rastro. Aprendi isto com os habitantes da Ilha de Colares-Pa que, na década de 70, tiveram suas carnes marcadas pelos raios chupa-chupa, aos quais reputam provável origem extraterrestre. O mesmo ocorria com as fotografias produzidas pelos militares aí presentes para “investigar o fenômeno”: nas chapas não se distinguia outra coisa senão rastros de luzes, borrões e formas dificilmente definíveis.

Não demorei a entender isto. Mas talvez tenha sido com Toni Inajar, ufólogo, perito criminal e chefe da equipe de análise de imagens da Revista UFO, o primeiro a me mostrar os modos de operação das naves extraterrestres. Em seu escritório no Instituto de Criminalística do Paraná, Toni abria numerosas imagens de UFOs e assim me ensinava a distinguir as fraudulentas e o que chamava de “erros de interpretação”, de outras, que continham um gradiente de “não-identificado”. Depois de “tratar” a fotografia com um processo de saturação, o especialista em imagens me mostrava que naquela luz era possível distinguir um contorno, o que dava mostras da presença de um objeto. De minha parte eu acompanhava aquele curioso movimento: as imagens que identificam os UFOs – em sua diferença – eram

²² A expressão é de John Keel, autor de Operation Trojan Horse. Foi-me indicada por Alberto Francisco do Carmo, quem recentemente publicou a tradução de trechos do livro.

aquelas que não se podia identificar. Desta feita, reconhecia-se que caso os rastros levassem a algum lugar, não estaríamos ali diante de fotos legítimas mas, de outro feita, perante pareidolias, efeitos atmosféricos, comprometimentos da lentes, ou ainda, de aeronaves humanas potencialmente confundidas. Nós dois sabíamos que se os UFOS conservam-se parcialmente visíveis, a sua linguagem não pode outra além dos *misunderstandings*: de modo regular eles se prestam a serem tomados por aquilo que não são; a confundir os “observadores”; a alojarem-se nas rotas dos satélites Iridium; a camuflarem-se entre cargueiros e aviões de combate. Os UFOs são máquinas, ninguém disputaria. São *máquinas de fazer segredo*. Os arranjos dos ufólogos, por seu turno, se conformam na medida em que tentam distinguir os seus contornos; constituem-se quando se lançam a descobrir aquilo que realmente são. No caminho, como se verá em seguida, podem encontrar mariposas e terão de se ocupar com quefazeres, literalmente, mais mundanos. Os UFOs não os constituirão sozinhos: os ufólogos terão de aprender sobre ótica, sobre trajetórias de satélites e especularão sobre os aspectos reprodutivos da ordem dos lepidópteros. Moverão mundos para distinguir as suas formas mas, em uma contenda, para que os objetos continuem extraterrestres, precisarão testemunhar pela impossibilidade de identificação.

Sobre as mariposas...

No primeiro semestre de 2013 viajei para São Paulo com vistas a participar de um congresso ufológico e me encontrar com alguns pesquisadores que residiam na cidade. Diferentemente de outros eventos em ufologia nos quais tomei parte, o IV UFO PAX tinha dimensões mais módicas, pois reunia primordialmente palestrantes locais e ocorria no pequeno auditório da Fraternidade Espírita UFO PAX. Organizado pela Hipnoterapeuta especializada em casos de síndromes pós-abdução alienígena, o evento combinava apresentações que se abrigavam tanto na ufologia científica, quanto na ufologia mística – dois entre os três modos dos quais se valem os ufólogos para referirem-se a si mesmos. De igual maneira contava com a presença de abduzidos e de um extraterrestre, isto é, o pesquisador Chico Penteado, que afirmara ser um reptiliano – não antes de ponderar que há muitos modos de ser extraterrestre.

Na antessala do auditório encontrei-me com Fábio Gomes e Paulo Aníbal, dois ufólogos que eu conhecera dois anos antes por ocasião de congressos similares. Nos saldamos cordialmente, comentamos sobre o ambiente e logo iniciaram uma conversa sobre um caso ufológico. Não discutiam de modo acalorado, tampouco eu entrevia aí qualquer sinal de

animosidade. Mas nota-se que divergiam. Falavam do Caso Queimados, o qual me interessou e, nas horas que se seguiram, foi um dos temas da palestra de Paulo Aníbal.

*

Dois ou três dias depois eu me encontraria com os mencionados pesquisadores. Com Fábio estive em uma cafeteria em um shopping, com Paulo Aníbal no café de uma padaria. Marcara uma conversa com eles logo que o evento chegou a seu termo. De fato, eu me interessava por aquela polêmica que jazia absolutamente incandescente não só nas “cyberlocalidades”(Boellstorff,2008) que os ufólogos frequentam, como em suas conversas privadas “away from the keyboard”.²³

A contenda nascera depois que Paulo Aníbal fora convidado a um programa vespertino da Rede Record de Televisão para comentar um já não tão recente incidente ufológico. Tratava-se do registro em uma câmera de segurança de uma chácara, localizada no interior do estado do Rio de Janeiro, na qual figurava um objeto extraterrestre.

Nas imagens em preto e branco gravadas a partir do monitor de vídeo, o apresentador do programa, entrevia o pouso de uma nave e convidara dois especialistas para opinarem sobre o tema. O caso se complicara com latidos de cachorros, a presença de uma galinha morta e a observação do sitiante de que percebera alguma coisa. Aníbal, que trazia um colete militar e um colar com dentes de animais, fora o primeiro a falar. Nos poucos minutos que tivera esquivou-se de dar veredito definitivo e jogou a linguagem das probabilidades para proteger-se. Um objeto de pequenas proporções, a interferência das luzes de LED na imagem ou algo forjado por alguém. Não concluiu pela negação ou pela aceitação da hipótese extraterrestre e passou a palavra ao perito em imagens Maurício de Cunto, quem evitou-a em definitivo.

Assim que chegou em casa, Aníbal comunicou à lista de e-mails da Revista UFO a sua participação no programa. Na missiva arguiu que operava com duas ou três linhas de investigação e se desculpou por não poder responder aos muitos e-mails que recebera. Agregou ao final do documento que não encerraria o caso senão depois que fizesse a análise de outros detalhes que, na ocasião, estava impedido de comentar. Ademais, prometia uma viagem à campo.

*

²³ A expressão, empregada no documentário *The Pirate Bay – Away From Keyboard* (2013) , dirigido por Simon Klose, visa evitar a reificação da distinção entre mundo virtual e “mundo real”, que não só povoou o léxico dos estudos sobre as redes digitais na década de 90, como continua contaminando-o. Para uma discussão sobre a noção de virtual ver o primeiro capítulo de *Coming Age in Second Life: An anthropologist explores the virtually human*. (Boellstorff,2008).

Na lista de e-mails da Revista UFO, espaço onde um grande número de ufólogos brasileiros têm a chance de interagirem cotidianamente, passei a receber um volume grande de mensagens. Tratavam-se de respostas ao informe de Paulo Aníbal. Nas horas seguintes ao envio, Fábio mencionou em sua mensagem que a imagem no monitor de vídeo podia ser produto de uma lâmpada que se encontrava nas proximidades. Júlio Rena arguiu pela possibilidade da filmagem de insetos. Outros convergiam sobre a inutilidade de continuar seguindo aquele caso, uma vez que não havia ali qualquer gradiente de não identificado que os levasse a um UFO. Ao cabo da polêmica, entrevistaram os analistas de imagens da Revista UFO.

Trata-se de uma equipe especializada em submeter fotografias de Óvnis ao trato de programas de edição de imagens, de tal modo a diagnosticar o que fora fotografado. De modo geral, o relatório que produziram e, posteriormente, enviaram para publicação no site da Revista UFO, estimava que as imagens captadas pela câmera provavelmente resultavam da interação entre as luzes de LED que acompanhavam o dispositivo e insetos que se encontravam nas imediações. Os UFOs alegados pelo morador da chácara não seriam outra coisa além de “confusões” com a imagem desfocada de um vivente terrestre. Ou ainda, o trabalho dos peritos se dirigia a eliminar o gradiente de “não-identificado” do objeto.

1. O objeto surge de modo idêntico ao pouso de um inseto, de repente, não como seria o pouso de uma nave.
2. O forte brilho do objeto é causado pela sua grande proximidade com os LEDs da câmara, refletindo a luz emanada, causando o efeito luminoso.
3. Os arcos no restante da imagem são apenas reflexos deste inseto. Como são diversas lâmpadas, contornando a lente objetiva, surgem múltiplos reflexos. O tal vulto que o repórter afirma ver é apenas pareidolia (erro de interpretação, assim como ver formas de animais em nuvens).
4. *Os movimentos constatados em uma pequena região da parte superior do objeto brilhante, são em tudo semelhantes aos movimentos naturais e repetitivos que um inseto faz, especialmente mariposas, com seus membros anteriores, com o objetivo de exalar feromônios, para atrair companheiros para acasalamento*²⁴. (Lauro sobre o caso Queimados – Emitido pela setor de análise de imagens da Equipe UFO)

No relatório do Caso Queimados o UFO passa a ser tratado como um possível inseto. Os autores do documento não se furtam a traçar algumas homologias com o seu comportamento de tal modo “explicarem” os movimentos que a câmera captura. É desta feita que estimam que o UFO pode ser uma mariposa que tenta atrair companheiros para o acasalamento. Tudo se passaria como se câmera, ao invés de capturar a imagem, tivesse sido capturada por este vivente que, ignorando ou não o poder dos seus feromônios, fazia o segredo circular mais uma vez.

²⁴ Grifos meus.

Digo isto porque o relatório produzido pela Equipe de Imagens da Revista UFO, se foi saudado pela maioria dos membros da lista de e-mails, instalou uma contenda no bojo da qual se achava Paulo Aníbal. Este, contudo, não negava que se pudesse estar diante de uma pareidologia²⁵. O que fora capturado podia sim ser um inseto, entretanto, conforme me confessou em nossa reunião na cafeteria e, conforme já havia feito na lista de discussões online, o vídeo não permitia o fechamento do caso. Era, nos seus termos, “desqualificado para análise” (Entrevista com Paulo Aníbal).

Como uma segunda frente de polêmica, Aníbal arguiu que os emissores do laudo precisariam consultar um entomologista antes de traçar a homologia com uma mariposa. Nos seus termos, a comparação era completamente absurda, uma vez que se não se podia precisar com certeza qual era a espécie de inseto na imagem, muito menos se podia tecer comentários sobre o seu comportamento reprodutivo. Tudo se passava como se Aníbal estivesse interessado em permitir que o caso se propagasse – protegendo-se com o argumento da necessidade de uma investigação mais demorada – e os demais ufólogos, por seu turno, davam o relatório como definitivo, uma vez que entendiam que o objeto não se assemelhava a uma nave.

Durante o encontro com Paulo Aníbal, o “Caso Queimados” ocupava-lhe de tal modo que tivemos de adiar a conversa sobre outros pontos relativos à ufologia para depois. Em nossa conversa Aníbal contou-me sobre como havia tentado ir a campo para entrevistar o proprietário da chácara, mas não teve sucesso. Descobriu, entretanto, um objeto nas proximidades da câmera que poderia ter sido usado para fazer uma brincadeira com o sitiante. Tratava-se de um boia usada em pescarias que poderia ter sido balançada em frente ao dispositivo de segurança. Contudo isto não lhe autorizava a conceder uma opinião definitiva, uma vez que ainda aguardava novas informações.

A contenda relativa ao Caso Queimados terminou custando a Paulo Aníbal o posto de membro da Equipe UFO. A recusa em dar um veredito definitivo, observaram os demais ufólogos, era o culminar de uma série agravos que os demais membros da Equipe entenderam como inaceitáveis. Aníbal, por seu turno, estimava que todo o problema gravitava em torno da comparação da imagem com um ser da ordem dos lepidóptera:

Além de especificar o inseto mariposa, citaram que era uma parte do corpo dele. Inseto tem três pares de patas: o par de patas dianteira, o par de patas mediana e o par de patas traseira. Fora as asas. Como você vai identificar alguma estrutura neste vídeo. Pior ainda, colocaram neste parecer até o comportamento deste suposto inseto. (Entrevista com Paulo Aníbal)

²⁵ A percepção de formas em objetos amorfos.

Os quefazeres terrestres

Difícilmente o caso Queimados, à exemplo da Operação Prato no nordeste do Pará, ou a Noite Oficial dos UFOS, terá lugar nos anuários ufológicos como um daqueles eventos que os pesquisadores removem por anos, seja pela recepção de um novo documento vazado ou pela decisão de uma agente militar de revelar as suas minúcias. Tampouco estamos diante de um caso que possa ocupar aquilo que Foucault quis chamar de “função autor” (Foucault, 1983), como ocorreu com o incidente em Roswell²⁶, ou o seu exemplar brasileiro, envolvendo a captura de extraterrestres no sul de Minas Gerais.

O Caso Queimados é bem mais modesto, mas não o é porque lhe faltam teorias relativas ao acobertamento militar ou porque nele seres não foram observados. Meço o seu tamanho por aquilo que a parcial visibilidade dos UFOs foi capaz de fazer. Neste evento, em particular, o registro da câmara em Queimados agiu nas linhas de propagação ufológicas por alguns meses. Logo arrefeceu, entretanto, dando lugar a outros eventos, todos eles resultantes de novas aparições de UFOs, de uma peça de documento que os ufólogos julgavam faltar ou, de modo alternativo, por virem saber de um novo caso de abdução.

Desejo notar, a título de uma observação final, que a ufologia se configura como uma disposição de relações que se produz em função destes *objetos intangíveis* que encerram relações de proximidade com os ufólogos. Diante deles não é possível fazer outra coisa senão torná-los, mais uma vez, não identificados. O caso narrado nas linhas acima, entretanto, talvez seja um daqueles episódios nos quais a tentativa de identificação trabalha para por termo à propagação. Contudo, ela não ocorre de maneira cabal. Enquanto eu ainda acompanhava a querela, Aníbal insistia na impossibilidade de equivalência com uma mariposa e um dos autores do relatório, em contraponto, afirmava que fosse o laudo lido com cautela, estaria claro que ele se valeu da expressão “são semelhantes”.²⁷

Em última análise, para que a ufologia continue, o evento em Queimados talvez precise permanecer nesta zona de penumbra e incerteza. Assumindo certo relaxamento no uso das expressões, valho-me de uma analogia para observar que os futuros distópicos da ficção científica estão aí para nos confirmar que não pode haver ufologia a partir do momento que um UFO estacionar nos jardins Casa Branca. Isto é, caso dispensassem o jogo de *guerrilha* –

²⁶ O caso Roswell é um dos mais conhecidos episódios na literatura ufológica. Cito-o não apenas porque ele acomoda a discussão sobre o acobertamento militar, sobre os corpos dos extraterrestres envolvidos no “acidente” e, em especial, sobre as discussões relativas à engenharia reversa. O caso é importante porque tem se prolongado por mais de 60 anos na ufologia, sem que se deixe de falar dele.

²⁷ Note-se que Latour aparentemente tinha razão quando disse que à medida que as controvérsias se acaloram, os contendedores se voltam para a literalidade dos termos empregados.

que se define, fundamentalmente, por não se mostrar completamente – restaria aos humanos não a pesquisa sobre os discos voadores mas, sobretudo, outras modalidades de exopolítica. Estimo que se esta se fizer nos termos que H. G Wells previu, ou se os *aliens* forem mesmo os monstros que H. R. Giger quis pintar com cérebros alongados, mas com mãos de predadores, é melhor deixá-los em sua intangibilidade. Enquanto isso, se não cedermos à contaminação positiva que outros *aliens* – aqueles com base na Terra – ensejam sobre as máquinas comedoras de terra (e de gentes), muito em breve as mensagens dos extraterrestres – segundo os quais era necessário parar com os testes atômicos – não mais importarão, pois já estaremos avistando, de muito perto, as chamas e a fumaça do fim do mundo.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Rafael Antunes. Stories of collaboration, sharing and writing: an anthropologist meets a UFO Researcher. Trabalho apresentado na American Anthropological Association, 2014

BATTAGLIA, Debora; ALMEIDA, Rafael Antunes. “Otherwise Anthropology Otherwise: The View From Technology. Fieldsights – Commentary, Cultural Anthropology Online, 2014 <http://www.culanth.org/fieldsights/493-otherwise-anthropology-otherwise-the-view-from-technology>

BATTAGLIA, Debora. “For those who are not afraid of the future”: Raëlian Clonehood in the Public Sphere. In E.T Culture: Anthropology in outerspaces. BATTAGLIA, Debora. (Ed.) Duke University Press, 2005.

BATTAGLIA, Debora. Cosmic Exo-Surprise or, When the sky is (Really) Falling, What’s the media do? E-flux, nº46, 2013. <http://www.e-flux.com/journal/cosmic-exo-surprise-or-when-the-sky-is-really-falling-what%E2%80%99s-the-media-to-do/>

BOELLSTORFF, T. *Coming of age in Second Life: An anthropologist explores the virtually human*. Princeton University Press, 2008

BORGES, Jorge Luís. O livro dos seres imaginários. Companhia das letras, São Paulo, 2011.

CANDEA, Matei, ed. *The social after Gabriel Tarde: debates and assessments*. Routledge, 2010.

CARRITHIERS, Michael, et al. "Ontology is just another word for culture." *Critique of Anthropology* 30.2 (2010): 152-200.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. "Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio." *Mana* 2, no. 2 (1996): 115-144.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Vozes, 1994.

CIAVERIE, Élisabeth. La vierge, le désordre, la critique: les apparitions de la Vierge à l'âge de la science. *Revue Terrain*, v. 14, Março de 1990. <http://terrain.revues.org/2971>

CORSÍN-JIMENEZ, Alberto. Three traps many. Artigo apresentado na UC Davis Sawyer Seminar – Indigenous Cosmopolitics. *Mimeo* (2012)

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Imago Editora, Rio de Janeiro, 1977

DESCOLA, Philippe. *Par-delà nature et culture*. Paris: Gallimard, 2005.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Death at your heels: When ethnographic writing propagates the force of witchcraft. *HAU: Journal of Ethnographic Theory* 2, nº .1, Pp 45-53.2012

HAGE, Ghassan. "Critical anthropological thought and the radical political imaginary today." *Critique of Anthropology* 32, no. 3 (2012): 285-308.

FOUCAULT, Michael. Qu'est-ce qu'un auteur? *Littoral*, nº9, 1983.

HARDING, Susan; STEWART, Kathleen. "Anxieties of influence: conspiracy theory and therapeutic culture in millennial America." *Transparency and conspiracy: ethnographies of suspicion in the new world order* (2003): 258-286.

HENARE, Amiria, HOLBRAAD, Martin; WASTELL, Sari, eds. *Thinking through things: Theorising artefacts ethnographically*. Routledge, 2007

HOLBRAAD, Martin; PEDERSEN, Morten Axel; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. "The politics of ontology: Anthropological positions." *Cultural Anthropology Online*(2014).

HOLBRAAD, Martin. "Can the thing speak?." *Open Anthropology Cooperative Press, Working Papers Series 7* (2011)

JENSEN, Casper Bruun. (Org) "Comparative relativism: Symposium on an impossibility." *Common Knowledge* 17, no. 1 (2011)

JONES, Graham M. Secrecy. *Annual Review of Anthropology*, v.43, 2014. pp. 53-69

JUNG, Carl Gustav. *Um mito moderno sobre coisas vistas no céu*. Petropolis: Vozes, 1988

KOHN, Eduardo. *How forests think: Toward an anthropology beyond the human*. Univ of California Press, 2013.

LANGRAGE, Pierre. Enquêtes sur les soucoupes volantes: La construction d'un fait aux États-Unis (1947), et en France (1951-54). *Terrain*. L'incroyable et ses preuves. n 14,1990.

LATOUR, Bruno. Irreductions. In: *The Pasteurization of France*. (trad. Alan Sheridan e John Law) Harvard University Press, Cambridge, 1993

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Editora 34, 1994.

LATOUR, Bruno. *Reassembling the social: an introduction to actor-network-theory*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2005

LATOUR, Bruno. *Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches*. EDUSC, Bauru, 2002.

PALMER, Susan. *Aliens Adored: Raëls UFO religion*. Rutgers University Press, New Jersey and London, 2004.

PEDERSEN, Morten Axel. *Islands of nature: Insular objects and frozen spirits in Northern Mongolia*." In. HASTRUP, Kristen. *Anthropology and Nature*, Routledge, 2013.

RENARD, Jean-Bruno. *The wild man and the extraterrestrial: two figures of evolutionist fantasy*. *Diogenes* 1984.32;63

SERRES, Michel. *The parasite*. (trad. Lawrence R. Scher). John Hopkins University Press, Baltimore and London, 1982.

SLOTERDIJK, Peter. "Bubbles: Spheres Volume I: Microspherology." *Semiotext(e)* (2011).

VARGAS, Eduardo Viana. "Gabriel Tarde e a diferença infinitesimal." *TARDE, GABRIEL, Monadologia e sociologia e outros ensaios, São Paulo, Cosacnaify(2007): 7-50*.

WAGNER, Roy. *Our very own cargo cult*. *Oceania*, 70, 2000

WOOLGAR, Steve; LEZAUN, Javier. *The wrong bin bag: A turn to ontology in science and technology studies?*. *Social Studies of Science* 43.3 (2013): 321-340.